

ENTREVISTA

Entrevistador: Leandro Augusto Pires Gonçalves

Entrevistado: Hesio Cordeiro

Iniciada às 11:20 horas do dia 02/12/2016

Entrevista acontecida na sala de convivência, a 'sala do café', do Instituto de Medicina Social

Tempo de entrevista: 1h 26min 01 seg.

(LG) Professor, vamos começar falando sobre a sua relação com o Piquet [Carneiro]? Desde a faculdade de Ciências Médicas até a construção do IMS...

(HC) Sim... o professor Piquet Carneiro foi importante porque foi o meu primeiro contato com a faculdade de Ciências Médicas. Nessa época, o Piquet não estava na direção da faculdade. Era um professor renomado e tinha uma clínica que funcionava no Hospital de Bonsucesso. Quando eu fui fazer a Clínica Médica, eu escolhi Bonsucesso para ser o local de treinamento, como campo de prática no curso de Medicina. O Piquet Carneiro, com o seu espírito católico, sempre se mostrou muito vinculado às questões sociais. Fui me envolvendo muito com o Piquet Carneiro tanto no ensino da Medicina, quanto no ensino da Semiologia. Foi importante porque, nesse momento, os assistentes do Piquet Carneiro, o [Emílio] Francischetti, o Sérgio¹, eram todos excelentes professores, muito dedicados ao ensino na faculdade. Foi aí que eu comecei a me envolver mais na própria prática

¹ Não foi possível constatar o sobrenome deste médico assistente.

da Medicina, participando do cuidado aos pacientes hospitalizados lá em Bonsucesso e alguns pacientes privados, também. Tem um episódio curioso, que foi uma participação do Piquet Carneiro, que era muito amigo do Carlos Lacerda, em termos do cuidado ao Carlos Lacerda, que teve, uma vez, um distúrbio emocional e o Piquet Carneiro me encaminhou – eu e o Rafful, que era lacerdista ferrenho. Fomos passar uma tarde inteira lá perto de Bangu, acompanhando os *piripauquis* do Carlos Lacerda [risos meus]...

(LG) E você era getulista, não é?

(HC) Eu sou getulista desde pequenininho, desde criança...

(LG) Você falou isso para o Carlos Lacerda?

(HC) Não falei não [risos nossos]... com o Carlos Lacerda foi uma relação mais profissional. Eu estava ali como um estudante de Medicina, como um médico em formação. Ele foi muito atencioso, em termos da minha formação médica. O Piquet Carneiro deu um apoio incrível a minha participação, a do Munir Rafful e do Afonso², que era outro companheiro meu, no cuidado ao Carlos Lacerda. A partir desse episódio é que a nossa participação no ensino das Ciências Médicas foi se consolidando... foi nesse momento que o Piquet Carneiro passou a constituir, na Clínica Médica, um programa de visita domiciliar do paciente hospitalizado. Nós tínhamos um paciente cuja queixa principal dele era “esquentamento e arrancamento”. Esse paciente morava no morro do Borel e nós fomos visitá-lo várias vezes, em casa. Depois relatávamos para o Piquet os resultados dessas entrevistas e desses contatos domiciliares...

(LG) Professor, você está dizendo que o Piquet estava a frente de práticas inovadoras para a época. Ele, provavelmente, vivia em tensão dentro da faculdade de Ciências Médicas. Como era a divisão interna à faculdade,

² Não foi possível constatar o sobrenome deste companheiro de trabalho do Hesio Cordeiro.

quais eram as forças com quem ele disputava internamente à faculdade de Ciências Médicas, qual o pensamento que ele contrapunha?

(HC) Ele sempre teve atuação concomitante com o Jayme Landmann e com o Luiz Feijó. O Feijó tinha uma clínica mais tradicional e tinha assistentes que não davam muita relevância para a questão social, que era vista como uma coisa de comunistas. No fundo, essa pecha de comunista era muito frequentemente impingida ao Piquet Carneiro. Contra ele, que era um católico ferrenho, foi começando a se avolumar essas críticas, que aquelas práticas clínicas não eram adequadas, eram práticas que caracterizavam como se ele estivesse estimulando o comunismo entre os estudantes. Uma vez, logo após o golpe militar, ele foi chamado pela aeronáutica a depor no Galeão, acerca do que se supunha ter sido uma ação do Piquet no sentido de estimular... o Salgado, que era o presidente do Centro Acadêmico, e que tinha sido convocado pela aeronáutica. Diziam que ele tinha estimulado a ação dos subversivos, como nos chamavam, à época, a exercer assaltos a bancos. O Piquet Carneiro descartou isso e, inúmeras vezes, mencionou que não iria depor na aeronáutica coisa nenhuma, porque ele estava interessado era em relação a ação dos alunos enquanto estudantes, não enquanto políticos. E o Salgado não era comunista e não estimulava a subversão, de jeito nenhum.

(LG) Você falou que, na faculdade de Ciências Médicas, o Piquet estava em tensão com o grupo do Jayme Landmann e do Luiz Feijó. Ele era minoria, não é?

(HC) Isso, ele era minoria.

(LG) Mas ele tinha um projeto de renovação da faculdade, do ensino. Pode falar um pouco mais sobre isso e do seu papel nesse processo?

(HC) A proposta, na faculdade, de uma participação mais social em relação aos conteúdos no ensino da medicina. Inclusive, ele incluiu, no curso de medicina, uma disciplina que existe até hoje, que é de “Conhecimentos Gerais”. Ele introduziu essa disciplina e pediu que eu participasse e ajudasse na montagem do currículo desse curso de “Conhecimentos Gerais”. O que foi feito: eu, o Rafful, que era mais reacionário [risos nossos], e o Afonso, que estava no meio termo...

(LG) E que estavam na Clínica, em Bonsucesso, com ele, não é?

(HC) É verdade... um ano depois nos fixamos no Hospital Pedro Ernesto. A relação do Piquet com o Carlos Lacerda fez o Lacerda apoiar e adotar a transferência do Pedro Ernesto, que era um Hospital estadual ou municipal, para as Ciências Médicas, se vincular ao ensino da Medicina. Então, saímos de Bonsucesso e passamos todos para o Pedro Ernesto.

(LG) Então você testemunhou a passagem do Pedro Ernesto para se tornar um Hospital Universitário?

(HC) Foi o primeiro ano da passagem do Hospital Pedro Ernesto como Hospital Universitário.

(LG) O Piquet Carneiro foi importante nessa transferência?

(HC) Foi. O Carlos Lacerda concordou em passá-lo para a UEG. Inclusive, houve uma série de ações, de recursos [pequena interrupção]... o Carlos Lacerda, até em termos de recursos, definiu a importância do HUPE como Hospital Universitário.

(LG) Você acompanhou todo o processo do Pedro Ernesto como um hospital Universitário?

(HC) Foi...

(LG) Isso é surpreendente, para mim...

(HC) Acompanhamos, apoiamos e estimulamos o Piquet Carneiro nessa transferência do Hospital, transformando-o em Hospital Universitário.

(LG) Essa proposta de renovação do ensino médico, que vocês traziam, visava todo o ensino da Medicina ou era específico a alguma parte?

(HC) Seria para todo o ensino. Tivemos complementação financeira em algumas disciplinas. Alguns professores aderiram a esse projeto e outros resistiram bravamente, não se interessaram.

(LG) Essa divisão se manteve?

(HC) Sim. Não houve união. Depois se tornou uma questão política mais séria, com o golpe militar, que via com muita suspeita a ação do Piquet Carneiro. Nós, os alunos e assistentes mais jovens, éramos vistos como subversivos e vinculados ao Diretório Acadêmico, onde se havia a suspeita de ser um espaço de estímulo a luta armada. E nós não éramos ligados a luta armada, o Piquet Carneiro não queria que houvesse – uma questão que ele via como sendo importante – uma rebelião das favelas, no sentido de garantir que, pacificamente, as pessoas evoluíssem para uma situação mais favorável a ação médica, no sentido de estimular a ação dos estudantes em termos bastante técnicos. Não tinha nada de subversão, ele via como uma questão técnica e até religiosa, no sentido que os alunos se envolvessem mais com os aspectos sociais da prática médica.

(LG) Você está dizendo que ele tinha a intenção que os alunos de Medicina tivessem um maior conhecimento das questões sociais, mas, ao mesmo tempo, ele desejava uma extensão da cidadania, não qualquer forma de

enfrentamento social? Uma ideia de apaziguamento pela cidadania, seria isso?

(HC) Isso, exatamente. O Piquet Carneiro nunca propôs a questão da luta armada. Ele era adepto do pacifismo, envolvendo os estudantes na prática da Medicina. E a prática da Medicina é que devia permitir esse conteúdo social e de pacificação entre as várias correntes que estavam se digladiando naquele momento.

(LG) Pelo que eu conheço da ideia de Reforma do Piquet, tinha, por um lado, um maior conhecimento dos aspectos sociais da cidade, do Brasil, e tinha, por outro, o fortalecimento da ciência, articulada a prática médica. Como o Piquet foi construindo essa ideia?

(HC) [Risos dele] Acho que tirou da cabeça dele mesmo. Naquela situação, ele não tinha muitos adeptos no ensino médico.

(LG) Ele circulava fora do Brasil, em outros lugares do Brasil?

(HC) Ele tinha ido aos EUA participar, junto com o professor Aloysio de Paula, um dos primeiros diretores do IMS, de uma visita a vários departamentos de Medicina Preventiva e Social. Foi aí que ele passou a considerar como importante os conteúdos sociais na prática da medicina. O Aloysio de Paula foi o grande aliado, uma aliança duradoura...

(LG) Ele foi diretor do Instituto, também?

(HC) Foi, no *iníciozinho*, por alguns meses só...

(LG) Ele era um médico ligado à Saúde Pública?

(HC) Era um pneumologista ligado às artes, também. Ele foi um dos fundadores do Museu de Belas Artes...

(LG) Ou seja, tinha uma verve humanista...

(HC) Forte, com mais conteúdos artísticos que o Piquet Carneiro. O Piquet era mais religioso e o Aloysio de Paula era mais ligado às artes.

(LG) Eles foram para o EUA ainda na década de 60?

(HC) Acho que foram no meio da década de 60...

(LG) Então foram depois do golpe?

(HC) Isso, foram no pós-golpe midiático.

(LG) Eles foram antes de você, aos EUA?

(HC) É, isso.

(LG) Você foi em 70, não foi?

(HC) Fui com uma bolsa da CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], que o Piquet Carneiro providenciou e insistiu muito para que eu ficasse um período em Kentucky. Era uma faculdade de medicina americana que estava introduzindo, pela primeira vez, um conteúdo mais social na prática médica. O Piquet Carneiro me estimulou muito. Inclusive, quis que o Aloysio de Paula visitasse Kentucky para entender como eles organizavam as ações do curso de medicina...

(LG) Tenho duas perguntas que não posso deixar de te fazer. A primeira: o que é que você imagina que se passava na cabeça do Piquet Carneiro como projeto para o IMS? O que esse projeto tinha a ver com a faculdade de Ciências Médicas? A segunda, não posso deixar passar: eu encontrei em uma revista chamada “Memórias do IMS”, edição de 78, um editorial do Nelson Moraes dizendo que o Instituto tinha completado 10 anos em 77. Com isso, o Instituto teria sido fundado em 67. Isso procede?

(HC) [longo silêncio] Em termos de datas, eu não sou muito bom. Misturo um pouco as datas. Mas, creio que sim.

(LG) Se foi em 67, o Instituto levou muito tempo até tornar-se uma Pós-graduação...

(HC) Sim, o Instituto não começou como Pós-graduação. Começou com o ensino médico, mesmo.

(LG) Com isso, volto para a primeira pergunta: qual o projeto do Piquet para o IMS em relação a faculdade de Ciências Médicas?

(HC) Era estimular o desenvolvimento de um ensino mais social, que o ensino médico não seria meramente técnico, teria um conteúdo social e humanístico forte. Isso era o que o Piquet estimulava, com as visitas domiciliares, a ida a casa dos pacientes... ele tinha duas obsessões: uma era com a dimensão social da medicina e, a segunda, com a dimensão genética, um lado técnico que ele dava muita importância, à genética e a hereditariedade. Ele desejava que todos os alunos, independente da especialidade deles, tivessem esses conteúdos.

(LG) E que remete a questão dele ver a ciência como algo fundamental...

(HC) Sim, uma ênfase no conteúdo científico, enquanto que, na antiga cadeira de higiene, que era detestada pelos alunos, era só “como utilizar corretamente a água” e a vigilância no sentido de evitar a transmissão das doenças pela falta de higiene. O Piquet queria modificar, fortalecendo o conteúdo científico, principalmente através da genética e da hereditariedade.

(LG) Por que você acha que ele nomeou o Instituto como “Instituto de Medicina Social”? Como apareceu a “Medicina Social” na faculdade?

(HC) É uma especulação minha: acho que foi em função do que ele tinha visto nos EUA, garantindo o fortalecimento técnico e humanístico da Medicina. Agora, como surgiu o termo Medicina Social, isso eu não me recordo. Tinha muito a ver com a questão humanística do ensino médico.

(LG) Antes de eu começar a conversar com algumas pessoas, eu tinha a ideia que a Medicina Social tinha aparecido com a Pós-graduação, pela influência do Juan César García. Mas, se o termo apareceu na década de 60, e foi o Piquet Carneiro quem introduziu, surgem um monte de interrogações... se o Piquet foi aos EUA e lá era Medicina Preventiva, não Medicina Social, por que a opção pela Medicina Social e não Medicina Preventiva, que era o que estava em voga, naquele momento?

(HC) Mas o Juan César García teve uma influência muito grande. Inclusive, ele veio ao Instituto de Medicina Social quando ainda não era Instituto [pequena interrupção]... para estimular essa dimensão social. Certamente, o Juan César teve uma influência muito grande...

(LG) Na década de 60, ainda?

(HC) Já na década de 70...

(LG) Mas o Instituto já era de Medicina Social. O Instituto teve algum outro nome?

(HC) É a antiga cátedra de Higiene. Higiene e Medicina Preventiva, na época do professor... que dava aula no quarto ano de medicina...

(LG) O Bandeira de Melo?

(HC) Isso [risos dele]... o Bandeira de Melo era muito higienista, estimulava essa concepção não humanista da medicina, interventora...

(LG) O Piquet Carneiro era um clínico, não é?

(HC) Isso, um clínico. Muito bom clínico. Inclusive, era clínico da maioria das famílias de militares, ele era muito amigo de militares. A atuação dele foi muito importante no sentido de neutralizar as críticas quanto a proteção aos comunistas, na faculdade...

(LG) Ele era um clínico... imagino que as reformas que ele desejava para o ensino médico tinham muito a ver com a clínica, não tanto com a dimensão da Saúde Pública. Só que o IMS vai tomar um caminho que escapa da clínica. Inclusive você, que era um clínico...

(HC) Também um bom clínico...

(LG) Qual o motivo dessa virada?

(HC) [Risos dele] O motivo é difícil explicar... [longo silêncio]

(LG) O Nelson Moraes e o Mario Chaves tiveram importância nesse processo?

(HC) Tiveram. O Nelson Moraes era um profissional de Saúde Pública da tradição do Ministério da Saúde. Muito tradicional. O Nelson Moraes poderia ter influenciado... ele era muito criticado pelo Piquet por ser 'controlista' [em relação à natalidade no Brasil]. O Piquet Carneiro era contrário. Frequentemente eles entravam em atrito por conta dessa divergência.

(LG) Mas quem costurou a vinda do Nelson Moraes para o IMS foi o Piquet, não é?

(HC) Foi...

(LG) Qual era a relação entre os dois? Por que o Piquet via o Nelson Moraes como alguém importante para estar no Instituto?

(HC) Via um sanitarista com competência. Era um sanitarista extremamente competente e um didata excelente. As aulas do Nelson Moraes eram aplaudidas pelos alunos. Os alunos que não gostavam dos conteúdos da Medicina Social, com o Nelson Moraes, aderiam intensamente. As aulas dele eram aplaudidas de pé pelos alunos.

(LG) Por qual motivo? Ele falava sobre o quê?

(HC) Falava sobre a questão do controle de natalidade, a qual ele era extremamente a favor, embora o Piquet fosse contra. Mas o Piquet admitia a divergência de opiniões. O Nelson Moraes estimulava a ideia da Saúde Pública como uma prática que deveria ser disseminada no ensino médico. Nisso, o Piquet e o Nelson Moraes coincidiam, de dar maior ênfase às questões coletivas...

(LG) Ele falava sobre a experiência dele no Sesp [Serviço Especial de Saúde Pública]?

(HC) Falava... ele tinha sido um dos fundadores da Fundação Sesp... ele dava, então, os exemplos da Fundação Sesp no ensino médico, nas aulas...

(LG) Ele falava sobre a experiência da interiorização da medicina?

(HC) Isso... inclusive, trazia algumas pessoas que tinham trabalhado com ele no Ministério da Saúde para fazer exposições na Faculdade de Ciências Médicas. Eles falavam sobre as experiências deles. A partir daí foi que o Carlos Gentile acabou se aproximando mais. O Gentile tinha uma cabeça mais política. Ao contrário do Piquet, que era católico, o Gentile era político, um crítico ferrenho da privatização das instituições de saúde. O Carlos Gentile de Mello defendia a coletivização da prática da medicina. Não era o pensamento do Piquet, mas era uma percepção muito intensa do Carlos Gentile de Mello...

(LG) Você falou em 3 nomes que, me parece, foram fundamentais para ti: o Carlos Gentile, o Piquet e o Nelson Moraes. Os 3 não tinham afinidades completas, mas foram importantes também para o Instituto. O Carlos Gentile de Mello chegou a se filiar, a trabalhar no Instituto?

(HC) Ele não tinha filiação nenhuma. Ele, frequentemente, era convidado a fazer apresentações aqui no Instituto. Ele vinha, não como professor formal, mas como palestrante...

(LG) Quem é que o convidava?

(HC) Geralmente eu, o [José Luís] Fiori, a Nina Pereira Nunes, que era uma sanitarista que tinha estudado no Chile. Éramos nós quem chamávamos o Gentile para participar no Instituto. E o Nelson Moraes também. Embora o Nelson Moraes tivesse outra visão, mais da Saúde Pública, tinha um grande apreço pelo Carlos Gentile de Mello.

(LG) Eles trabalharam juntos, em algum momento?

(HC) Eles se conheciam, mas não tinham trabalhado juntos.

(LG) Eu descobri, recentemente, que o Carlos Gentile também passou pelo Sesp...

(HC) Sim, o Sesp foi importante, de verdade...

(LG) Ele passou, na década de 60, por algum serviço de estatística, de produção de dados e de análises...

(HC) Ele era um adepto da questão do “arquivo médico”, da quantificação dos dados...

(LG) A partir daqui, gostaria de chegar a um outro ponto... [pequena interrupção. Hesio e Zé Carlos entram numa conversa longa sobre futebol. O professor Jurandir Freire Costa apareceu e cumprimentou Hesio. Dei uma pequena explicação sobre a minha pesquisa para dizer porque eu o estava entrevistando e que também entrevistaria o Jurandir]...

(HC) O Jurandir é importante...

(LG) Sim, ele será entrevistado. Eu não disse para você, mas a minha pesquisa se organiza assim: elegi 5 sujeitos, que eu acho que são importantes na história do Instituto, não só na origem, mas ao longo do tempo. A esses 5 sujeitos, vou pedir que eles me indiquem mais 5 pessoas. Assim, eu pretendo ir me aprofundando na história do Instituto. Os 5 sujeitos que eu elegi são: você, a Maria Andrea Loyola, o Jurandir, o Eduardo Faerstein e o Cid Manso de Melo Vianna. O Jurandir e a Maria Andrea eu

também irei entrevistar por agora. Com a Maria Andrea, eu já combinei a entrevista para a quarta que vem. Marquei também com o Fiori...

(HC) O Fiori foi muito importante... foi uma das primeiras cabeças que incluímos no Instituto, a partir dessa nova concepção do social, um conteúdo mais científico em relação ao social...

(LG) Vou te propor que voltemos um pouco no tempo... tem uma leitura do Movimento Sanitário que o vê em dois grupos: os reformistas da Saúde e os reformistas da Previdência. O Carlos Gentile estava ligado a Previdência...

(HC) O Gentile sempre se ligou muito a Previdência...

(LG) Você também, não é?

(HC) Eu, a partir do Instituto de Medicina Social, numa conversa com o [José] Zé [Carvalho] de Noronha e o Reinaldo Guimarães. Eles me incentivaram muito que eu me indicasse para a Previdência Social. Naquela época, não se falava muito na reformulação do INAMPS [Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social] [pequena interrupção]...

(LG) Mas a tua relação com a Previdência começa com a sua ida para o INAMPS?

(HC) Começou com isso. Eu tinha muito mais a visão clínica da medicina. O Reinaldo estimulou muito que eu me interessasse pelas questões da Previdência Social. Quando veio o pedido de indicação, procurando alguém... eu era do grupo de Saúde do PMDB. Em algum momento, se indicou o doutor da Medicina Preventiva da USP [Universidade de São Paulo], o Guilherme Rodrigues da Silva, como sendo o possível presidente do INAMPS. O Guilherme não aceitou, já estava muito velho. Então, eu fui me envolvendo no grupo de saúde do PMDB. Se

comentou, na época, que o Ministro da Previdência Social seria o Waldir Pires. Sempre acompanhei a trajetória do Waldir Pires, embora eu não tivesse trabalhado diretamente com ele. Mas eu acompanhava o que ele pensava e propunha. No momento que o Guilherme Rodrigues da Silva não aceitou a presidência do INAMPS, o grupo de saúde do PMDB me indicou e levou a indicação ao Waldir Pires. O Waldir Pires me entrevistou, conversou longamente, um dia inteiro, sobre o que era possível fazer na Previdência Social. Então, eu aceitei a indicação. Houve uma reação imediata corporativa dos hospitais privados, se opondo a minha indicação. Eu era visto como estatizante. Eles pensavam: “ele vai estatizar a Previdência inteira!”. Na época, o Carlos Gentile e eu, acompanhando, criticávamos muito o pagamento por Unidade de Serviço. O Gentile costumava dizer que era um fator incontrollável de corrupção. E eu acompanhava essas palestras do Gentile, defendia a mesma ideia.

(LG) Como você costurou essa conversa com o setor privado, depois?

(HC) Bom, aí houve uma resistência muito grande do setor privado. Tanto que eles fizeram um encontro com o Sarney e o chefe da Casa Militar do Sarney, na época, dizendo que a Federação Brasileira de Hospitais não aceitava a indicação do Waldir Pires nem a minha indicação para o INAMPS. O Waldir Pires resolveu endurecer com o Sarney e disse: “se o Hesio Cordeiro, o Macarini³, que era do INSS, e o Arthur Virgílio, do Trabalho” - havia uma enorme resistência dos setores organizados, contrária ao que estava se conformando na Nova República. O Arthur Virgílio, o Macarini, que era mais técnico, do Paraná, e eu, éramos vistos pelo setor privado como inimigos, não podíamos ser nomeados. E o Waldir Pires se posicionou: “se esses 3 não forem nomeados, escolha outro Ministro da Previdência, eu também não aceitarei”. Então, essa prensa do Waldir Pires no Sarney acabou levando a nossa indicação, depois de muito tempo. Foi em 20 de maio de 85. O Sarney teve que me nomear.

³ Não foi possível confirmar o nome referido pelo Hesio.

(LG) Você teve que conversar com o setor privado. Como foi essa conversa?

(HC) Foi difícil. O setor privado não admitia as próprias práticas fraudulentas. Nós tínhamos esses dados, todos, do Carlos Gentile de Mello, que revelavam que havia fraude do setor privado. Principalmente a indicação de cirurgias de histerectomia, de varizes... nós tínhamos que botar um freio nessas ações, e o setor privado não admitia que isso fosse uma prática fraudulenta. Diziam que era tecnicamente compatível às ações médicas, que não havia fraude. E nós, ao contrário, indicávamos a necessidade de reformular, tendo um maior controle estatal sobre essa questão.

(LG) Chegou-se a falar sobre estatização?

(HC) Havia um setor que defendia a estatização e outro que não se opunha, mas que admitia que o caminho era um controle maior sobre o setor privado...

(LG) E você fazia parte do segundo grupo?

(HC) Isso, eu era contrário à estatização radical.

(LG) Vocês tinham, como horizonte, a estatização ou achavam que a regulação do privado era suficiente?

(HC) O que era possível fazer era a regulação do setor privado. Por causa disso houve um racha. O Sergio Arouca, na época, defendia um papel mais forte do Estado, uma estatização mais completa. Eu defendia um controle maior, uma regulação maior da ação privada, uma regulação estatal do setor privado.

(LG) Vamos para outro ponto: diga-me um pouco sobre a sua relação com o Nildo Aguiar e com o grupo da Previdência? Como vocês se conheceram, o que vocês construíram juntos?

(HC) Foi a partir do Hospital de Ipanema e do Carlos Gentile de Mello. O Carlos Gentile defendia muito o Nildo Aguiar e passamos a convidar o Nildo Aguiar para algumas palestras no IMS. O Nildo Aguiar sempre foi muito crítico do setor privado. Ele não era estatizante, mas admitia um controle maior sobre o privado. Ele era muito amigo do Carlos Gentile, inclusive trabalhava junto com o Gentile, chamou o Gentile para dirigir a auditoria do Hospital de Ipanema. A partir daí é que o Nildo Aguiar foi sendo influenciando pelo próprio Gentile, defendendo um maior controle sobre a prática privada.

(LG) O Nildo Aguiar, dentro do INAMPS, tinha força política?

(HC) Tinha. Ele era o diretor do Hospital de Ipanema. Isso dava um prestígio muito grande...

(LG) Além do Nildo Aguiar, que outras pessoas faziam parte desse círculo da Previdência, que você articulava?

(HC) [longo silêncio] O nome das pessoas eu já não lembro... mas eram pessoas ligadas a um setor mais atuarial das questões da Previdência Social. Nós os ouvíamos muito, sempre os convidávamos para fazer palestras no IMS.

(LG) Você chegou a trabalhar com esse grupo?

(HC) Não. Foi muito mais a questão acadêmica, o debate acadêmico sobre a possibilidade de um maior controle estatal sobre as ações médicas.

(LG) Sua relação com esse grupo foi importante para a sua nomeação?

(HC) Foi. A minha nomeação aconteceu em 20 maio, a indicação foi feita em 15 de março.

(LG) A indicação do seu nome foi articulada dentro do PMDB. O grupo que estava na Previdência também teve importância na sua escolha?

(HC) Eles não tinham atuação política forte. Era uma ação mais técnica, de conselheiros, de assessoria técnica ao que deveria ser feito.

(LG) Eles foram simpáticos a sua nomeação?

(HC) Sim. Foram simpáticos e fundamentais, porque se eles não tivessem apoiado, eu não teria tido as condições técnicas de atuação no INAMPS.

(LG) Quando você foi para o INAMPS, esse grupo ficou te apoiando lá?

(HC) Foi. Trabalhamos juntos.

(LG) Como foi a nomeação de pessoas, desde o INAMPS? Você levou muitas pessoas que passaram pelo IMS...

(HC) Da Escola Nacional de Saúde Pública [ENSP], o [José Gomes] Temporão. O Sérgio Arouca estava na ENSP e apoiava as nossas indicações. O Noronha... Mario Dal Poz, a Célia Pierantoni...

(LG) Como foi o trabalho no INAMPS?

(HC) [risos dele] Foi muito interessante, em termos dos enfrentamentos com a área privada...

(LG) Você esteve sob ameaça constante de demissão?

(HC) No final da gestão, o Sarney queria arranjar alguma posição para um amigo dele, o Serrão⁴. Um maranhense, amigo do Sarney. Ele propôs que eu fosse demitido para poder nomear o Serrão. E me demitiu. O Waldir Pires me chamou e disse: “o presidente continua insistindo muito na nomeação do Serrão. Eu nem conheço essa pessoa. Não sei se ele é bom”, respondi: “eu também não conheço, não deve ser grande coisa... para o Sarney estar com essa insistência”. Ele perguntou: “o que eu digo ao Sarney?”, “a única coisa que você pode dizer é para ele me demitir. Que me demita e nomeie o Serrão. Pedir demissão, não peço, não”. O Waldir Pires foi ao Sarney e disse: “olha, o Hesio falou que sai só se você demiti-lo”, e ele me demitiu no dia seguinte...

(LG) Com você, foi todo mundo embora ou o Serrão assumiu e manteve a mesma estrutura que você tinha montado?

(HC) Manteve mais ou menos as mesmas pessoas.

(LG) As pessoas que você tinha nomeado continuaram no INAMPS?

(HC) Isso, continuaram. Eu saí. Saí e aconteceu uma manifestação no aeroporto Santos Dumont, uma série de pessoas que foram protestar... eu vinha num aviãozinho de um sujeito que era muito conservador... esqueci o nome dele...

(LG) Era um político carioca?

(HC) Era... foi secretário de governo do município do Rio de Janeiro... [longo silêncio] eu me lembro depois... tinha muita gente se manifestando contra a privatização e a meu favor... essa manifestação foi muito importante, porque foi no Santos Dumont e havia mais de 500 pessoas, gente que eu nem conhecia... fui muito bem recebido...

⁴ Não foi possível confirmar o nome desta pessoa referida pelo Hesio.

(LG) Você teve outra experiência na gestão em saúde?

(HC) Muito depois fui nomeado para a ANS [Agência Nacional de Saúde]. Tinha vagado um cargo para a ANS e me indicaram para substituir o sujeito que não tinha sido nomeado. Depois da ANS, assumi um curso que estava se organizando, que tinha muitas das ideias do Piquet Carneiro, o mestrado profissional em Medicina de Família [na Universidade Estácio de Sá]. Assumi a gestão do curso a partir da indicação da Adriana Aguiar, que é professora também do IMS, que era muito ligada ao pessoal da Estácio, e fui convidado para dar assessoria técnica ao curso de medicina [pequena interrupção para atender um telefonema]...

(LG) Voltando a sua trajetória política, você foi do Partidão ou não?

(HC) Fui, durante um período. Por influência do Arouca, que me levou ao Partidão.

(LG) Você saiu do Partidão por que motivo?

(HC) Um pouco pela inércia do partido, não tinha muita coisa a fazer. O Partidão não estava funcionando bem... e como o Arouca não insistiu, eu saí em busca de uma opção melhor...

(LG) Algumas pessoas do IMS eram do partidão também, não?

(HC) A Nina. O pai dela também, o Adão Pereira Nunes. Eram do Partidão em Campos dos Goytacazes, a terra do Garotinho [risos dele]. E ele era muito atuante, politicamente... a Nina nunca fez concurso para o IMS. Ela não era, propriamente, uma professora profissional, mas tinha uma ação muito intensa no sentido da dimensão política. E era muito amiga do Piquet Carneiro...

(LG) Como era a relação de vocês com esses médicos militantes, o Adão, o Samuel Pessoa, o Mario Magalhães?

(HC) Com o Mario Magalhães, íamos muito às palestras dele de política populacional. O Mario Magalhães era muito ligado ao Gentile de Mello, o conheci através do Gentile.

(LG) Ele influenciava intelectualmente vocês?

(HC) Influenciava sim. Mas, na época se dizia, era um 'controlista' desvairado, coisa que o Piquet Carneiro se opunha intensamente.

(LG) Nesse sentido, Mario Magalhães e Nelson Moraes estavam mais próximos?

(HC) Isso... o Mario Magalhães era mais um político da Saúde, ligado ao Ministério da Saúde...

(LG) Isso é muito curioso: o Gentile mediava a relação de vocês com o Mario Magalhães... o Nelson Moraes mediava a relação de vocês com o Gentile... o Gentile também estava no centro de uma rede importante de médicos. Ele era um mediador importante, não é?

(HC) Bastante...

(LG) Para terminar, queria ouvi-lo sobre a sua relação com o Arouca. Como era, no nível político e pessoal?

(HC) É só no nível político, pessoalmente eu não tive muita proximidade. No nível político, ele era um ferrenho propugnador da questão da estatização radical. Eu era mais conciliador, nesse sentido. Eu era considerado um católico de esquerda [risos dele]...

(LG) Como você se considera?

(HC) Atualmente, eu sou ateu. Um ateu de esquerda [risos nossos]...

(LG) Mas não seria possível ser ateu e cristão?

(HC) É possível [risos nossos]...

(LG) Para quem concilia tão bem, como você [risos nossos]... do ponto de vista ideológico, como você se posiciona?

(HC) [longo silêncio] Em termos de uma atuação mais dura do Estado na relação com o privado. Mas não defendo uma estatização radical.

(LG) Com relação a desigualdade social, ao desenvolvimento nacional?

(HC) Defendo uma ação que torne tudo mais igualitário, na Saúde e fora dela.

(LG) Vocês estudaram bastante sobre o desenvolvimento brasileiro. Ainda assim, acreditaram na conciliação com o privado. Vocês erraram?

(HC) Era o possível naquele momento, na realidade brasileira da época. Não era possível implementar medidas mais radicais, porque a esquerda tinha que conciliar com a direita. Isso só era possível sem muita complicação ideológica.

(LG) Para terminar, mesmo, me dê 5 nomes para eu entrevistar?

(HC) O Fiori é uma das pessoas... o outro, seria o José Noronha. O Reinaldo Guimarães [longo silêncio]... o Paim, lá da Bahia. O Jairnilson Paim, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia...

(LG) Por que o Paim?

(HC) Porque ele é uma pessoa muito atuante e crítico do setor privado...

(LG) E ele falaria de todo esse processo da Reforma, dos conflitos...

(HC) E tem uma memória melhor do que a minha...

(LG) Tá faltando um, professor...

(HC) Estou lembrando dos que já morreram... a Cecília Donnangelo seria importante... O Moisés Goldbaum, que trabalhava muito com a Cecília Donnangelo...

(LG) Que está vivo e atuante...

(HC) E era muito amigo da Cecília. Ele ainda está atuante na USP. Ele aportaria uma análise bem crítica a respeito das coisas que você está levantando...

(LG) E mais alguma pessoa do IMS, pode ser?

(HC) Acho que o Mario Dal Poz poderia ser, trazer uma contribuição boa... (terminamos conversando sobre a disciplina “A grande narrativa do IMS, pelos seus Autores”. Ao falarmos sobre “A questão democrática na área da saúde”, Hesio lembrou o papel de José Luis Fiori na construção daquele documento)... o Fiori é central nisso, até a concepção do artigo foi dele. As coisas que escrevemos foram baseadas nas conversas que tivemos com o Fiori... (e Hesio encerrou me dando dicas de como acessar sujeitos importantes para as entrevistas e para a construção da disciplina)

fim

